

“AS TRÊS MARIAS”: PERFIS DA INFÂNCIA NO ROMANCE RACHELIANO

Licilange Gomes Alves
Antônia de Jesus Sales

Introdução

Adentrar ao estudo das letras cearenses é, além de uma possibilidade de busca pela própria identidade, permitir-se à descoberta da relevância dessa ficção no cenário nacional, uma vez que as próprias grades curriculares das licenciaturas em Letras contemplam, em suas disciplinas de literatura brasileira, alguns dos autores cearenses de maior destaque, entre eles, José de Alencar, cujo trabalho foi indiscutivelmente significativo para a criação do romance brasileiro, e Rachel de Queiroz, consagrada entre os cânones da literatura nacional e cuja obra é marcada pela riqueza de abordagens temáticas.

Conhecida por produzir uma obra de cunho crítico-social em razão de seu forte caráter de denúncia da condição humana, particularmente feminina, neste romance a escritora cearense não faz diferente. Ela traz à cena tipos aprisionados, quando não entre quatro paredes, dentro de si mesmos, conferindo, inclusive, um cunho existencial à narrativa.

Este mesmo teor de criticidade estende-se também à forma como as infâncias que aparecem representadas na trama são configuradas, revelando a gritante disparidade econômica presente no contexto social que vitimiza essa tenra idade. Portanto, é com base nessas múltiplas possibilidades de enfoque sobre a obra racheliana que este artigo objetiva investigar a infância, tomando como *corpus* seu quarto romance, “As três Marias”.

Nos romances anteriores, Rachel nos mostrava uma grande preocupação de cunho social e, desta forma, discorria sobre seu compromisso com os nordestinos. Em “As três Marias”, Rachel inaugura uma nova faceta de suas obras, uma visão mais de cunho psicológico (FONTES, 2012). Para esta mesma estudiosa:

(...) a autora provavelmente se utilizou de suas experiências, na breve passagem pelo colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza. Aclamado pela crítica, o romance recebeu o prêmio da Sociedade Felipe D'Oliveira. (*ibidem*, p. 73).

A abordagem aqui se dará no âmbito da infância em virtude de esta categoria ter-se tornado um campo emergente de estudos. Esse interesse aponta para a atualização do objeto investigado, uma vez que os discursos sobre a infância são constantemente retomados e atualizados.

Sobre o tema da infância

No âmbito das pesquisas, variados são os ângulos por meio dos quais se analisa a infância. O que pouco se sabe é que este termo trata-se de um construto histórico, o que é explicitado pelo francês Philippe Ariès (1981), cujo trabalho é considerado, pela crítica, pioneiro na análise da concepção da infância.

Para o referido historiador, a noção de infância somente teve início entre os séculos XVII e XVIII. As artes plásticas da época anterior explicitam bem isso quando retratam imagens de crianças com corpos musculosos, roupas de adulto e participando das mesmas festividades que os adultos, ou seja, não havia diferenciação entre crianças e adultos, pois ainda não existia a noção de infância enquanto uma fase diferenciada das demais. Trata-se de um conceito formado ao longo da evolução das sociedades e de algumas áreas do conhecimento.

A ciência teve significativa contribuição neste processo ao voltar-se para a análise da infância. Através da psiquiatria e das descobertas da psicologia do desenvolvimento, os estudos voltados para a criança ascenderam e esta se tornou objeto de interesse analisado sob diferentes prismas. A partir desses acontecidos, passou-se a ter atenção para esta fase da vida no tocante ao reconhecimento da infância com as devidas especificidades que distinguem essa idade das demais.

A infância ambienta-se no campo dos chamados “universais temáticos”, nomenclatura atribuída por Philippe Chaudin (1994 *apud*

COUTINHO, 2012) para referir-se aos assuntos próprios das vivências humanas considerados universais como o amor, o medo, a morte, dentre outros. Logo, ao adentrar nos saberes da infância, usufrui-se da possibilidade de autoconhecimento, de ampliação do saber acerca das complexidades que compõem o arcabouço de experiências do ser humano.

Ao desenvolver estudos tematizados pela infância, estamos contribuindo na difusão dos variados modos como cada área do conhecimento lida com essa categoria. Conseqüentemente, descobrimos também o modo como as diferentes sociedades visualizam essa fase da vida. Na base filosófica ocidental, por exemplo, a criança é vista como um animal que precisa ser disciplinado. Segundo Gagnebin (1997), a infância e o pensamento filosófico possuem estreitos vínculos: as crianças costumam levantar questionamentos filosóficos para os adultos; também porque os filósofos podem ser comparados a crianças que brincam com coisas difíceis e ignoram questões importantes da vida adulta.

Perfis de infância em “As três Marias”

Bastante pesquisado sob a perspectiva do feminino, em razão das profundas reflexões que o enredo suscita sobre o universo feminino, a discussão sobre o romance em questão recairá, aqui, nos vários perfis de infância que são suscitados ao longo do enredo, especialmente na primeira parte, momento em que a tríade de amigas divide suas memórias pueris, já em transição para a adolescência.

Publicado em 1939, este livro tem como cerne os dramas vivenciados por três amigas: Maria da Glória, Maria José e Maria Augusta (Guta). O cenário do romance é a cidade de Fortaleza e o enredo nos é apresentado por Guta, natural da cidade de Crato, na região do Cariri, interior do Ceará. Ao chegar ao internato, Guta é bastante hostilizada pelas internas que a recebem com chacotas, curiosidade e referem-se à Guta como “a novata”. Ela continua sendo tratada desse modo até conhecer Maria José, que tinha apenas a mãe e os irmãos, o pai abandonou a família e foi viver com outra mulher, e Maria da Glória, que era órfã. A partir daí, forma-se o trio que

passa a receber das irmãs o nome de “as três Marias”, as quais, ao longo do romance, vão compartilhar todos os seus dramas e suas alegrias.

Maria Augusta discorre sobre as memórias da sua infância, descrita por ela da seguinte forma: “A minha infância, sempre a dividi em duas fases: ‘o tempo de mamãe’ e ‘depois’” (QUEIROZ, 2009, p. 50). Guta conviveu pouco tempo com a mãe, esta morreu quanto a menina tinha sete anos, passando a ser cuidada pelo pai e pela madrasta que, embora a tratasse bem, não era capaz de apagar os tempos de infância feliz que ela teve ao lado da mãe. Ela descreve a mãe como uma criança inocente que não tinha modos de uma verdadeira mãe cuidadosa por ser brincalhona e imprudente, mas, ainda assim, era uma boa mãe para Guta.

O tempo “depois”, segundo momento da infância de Guta, é marcado por muita melancolia, saudade da mãe e inaceitação por parte dela da rotina em casa com a madrasta, o pai e os irmãos, e também inaceitação da nova rotina que ela vive quando muda-se para o colégio interno. Esse segundo momento é avaliado por Guta como ruim porque é quando ela começa a crescer, psicologicamente, e passa a conhecer os dissabores da vida, sendo a partir de então alimentada por eternas angústias.

A angústia existencial com que Guta narra suas aflições ao longo do enredo envolve o leitor de tal modo que, assim como a personagem, este também se sente mergulhado em um mundo de impossibilidades; assim, o conteúdo da narrativa é construído através de tênues aproximações com temáticas que perpassam a mente humana. Essas aproximações permitem a constatação dos estreitos vínculos existentes entre o universo ficcional da literatura e a realidade do sujeito leitor.

Para Todorov (2012), o leitor comum que procura o significado a partir das obras que lê tem razão contra críticos e professores que dizem que a literatura só fala por si mesma. A arte literária, portanto, tem a característica de nos possibilitar a extirpação de nossas percepções e emoções. No romance em questão, há notável abismo que separa dois mundos: o das meninas economicamente privilegiadas e o das meninas que vivem trabalhando para a manutenção do bem-estar destas.

E além, rodeando outros pátios, abrigando outras vidas antípodas, lá estavam as casas do orfanato, onde meninas silenciosas, vestidas de xadrez humilde, aprendiam a trabalhar, a coser, a tecer as rendas dos enxovais de noiva que nós vestiríamos mais tarde, a bordar as camisinhas dos filhos que nós teríamos, porque elas eram as pobres do mundo e aprendiam justamente a viver e a penar como pobres. (QUEIROZ, 2009, p. 25)

Conforme é possível constatar, há um notável contraste entre a rotina dos dois grupos de meninas que vivem no internato. É como se houvesse um muro (in)visível que separasse as pequenas, em que as desfavorecidas economicamente são privadas de viver a própria infância para garantir às demais uma infância alegre – dentro das limitações que o internato permitia – e confortável. As regras com as meninas pobres eram mais severas, havendo, inclusive, proibições que exigiam a separação de ambos os grupos, sendo estes impedidos de, sequer, manter amizade. Há, enfim, uma segregação marcada pelo aspecto econômico.

Esse modo rude no trato com a infância é manifesto também em outras passagens do romance, só que através de agressões físicas:

[...] dona Júlia o persegue com a saboneteira e a toalha na mão. Aquele banho, a escola depois — o pobre Luciano considera a vida, a família instituições inimigas e sem piedade. — Menino porco! Sujo! Teimoso! [...] — Não vê, Guta, que eu vou paparicar este bode! E Luciano, de novo em prantos, sai pendurado pela orelha, arrastado, me descompondo, porque o entreguei à mãe. (QUEIROZ, 2009, p. 108)

Luciano, irmão de Maria José, é uma criança que vive sob os maus-tratos da mãe, a qual tem com ele modos que comumente fazem parte da rotina de muitas crianças, batendo, colocando apelidos e tratando como alguém sem importância. Essa forma de dona Júlia lidar com o pequeno Luciano não difere do modo como outras coletividades em outros períodos do tempo tratavam as crianças. Isso é ratificado pela defesa de Peter Stearns (2006), que discorre sobre a variação de comportamento de diferentes sociedades no tocante à criança, afirmando o seguinte:

(...) sabemos que em algumas sociedades do passado as crianças eram disciplinadas fisicamente com muito mais frequência do que nos dias de hoje no Ocidente. Basta lembrar as histórias dos professores ou pregadores vagando pelas salas de aula ou na igreja, prontos para golpear os dedos de crianças indisciplinadas ou sonolentas (STEARNS, 2006, p. 46).

Analisando este fragmento, vê-se que ele se encaixa, em parte, com o contexto do colégio interno no qual as meninas viviam sendo submetidas a um rígido programa de disciplinamento que ia desde orações, horário para acordar, modo de vestir-se e até os assuntos que podiam discutir.

Seja através de maus-tratos físicos ou de um simples disciplinamento de conduta, o fato é que a criança sempre esteve submetida ao julgo de um adulto e vista como incapaz de participar de decisões. A própria filosofia clássica já demonstrava essa postura através, por exemplo, dos escritos de Platão (2003), nos quais ele defende que a criança precisa ter quem a controle, pois ela possui um pensamento com potencialidades e desorientado, por isso precisa de alguém que a discipline. A interferência do adulto, portanto, é vista como uma necessidade para o processo de desenvolvimento infantil.

Mas, apesar de toda essa visão, pode-se dizer, crua, em relação à criança, é preciso reconhecer as mudanças, e positivas, no modo de tratar a menor idade. No espaço disciplinar do colégio, embora existam regras que devem ser seguidas à risca, não há mais a ameaça da palmatória, por exemplo; há, sim, os tradicionais castigos para as alunas, que infringem as regras, lerem ou fazerem cópias, mas sem violências físicas.

Essa diferenciação no modo de lidar com a infância se dá em razão das evoluções que esse conceito foi adquirindo ao longo do tempo. Retomando Ariès (1981), este também discorre sobre essa mudança no trato com a criança, na Idade Média e início da Idade Moderna na Europa. Essa mudança, na visão do historiador, começou a ocorrer, primeiramente, entre as classes mais altas. A criança tornou-se mais importante com o reconhecimento de suas necessidades de alimentação e orientação; as taxas de natalidade se tornaram reduzidas para que se pudesse cuidar melhor

dos filhos, enfim, foram ocorrendo, ao longo dos tempos, mudanças na forma de se visualizar a infância e, conseqüentemente, passou-se a ter cuidados especiais com relação à saúde, educação, alimentação, enfim, foi dada maior atenção aos indivíduos dessa fase.

Cada uma das crianças, que aparecem no livro, carrega o peso de alguma consequência dos atos adultos: as meninas do grupo desprivilegiado são obrigadas a trabalhar e são claramente excluídas dos mesmos privilégios do outro grupo de meninas. Praticamente todas são órfãs e vieram de vários lugares do mundo, portanto, vivem no internato por caridade e pagam um alto preço por esse favor que lhes é dado.

Luciano vive sob a égide do abandono do pai, exprimindo rebeldia e carência de afeto. Há também Jandira, amiga de Guta, que mesmo criança, tem a responsabilidade de cuidar da irmã mais nova. Jandira é bastante rejeitada por ser considerada “filha do pecado”: a mãe é prostituta e o pai é casado, o que para a época era escandaloso e, para Jandira, um aspecto definidor de toda a sua vida passada, presente e futura.

Como é possível verificar, nem a infância é isenta das tragédias da vida, conforme a seguinte passagem explícita: “A gente pensa que a infância ignora os dramas da vida. E esquece que esses dramas não escolhem oportunidade nem observam discricção, exibem-se, nus e pavorosos, aos olhos dos adultos e aos dos infantes, indiferentemente [...]” (p. 70). Todas as crianças, neste romance, sem distinção, vivem imersas em um halo de conflitos, embora não tenham consciência disso, pois nem elas são poupadas.

Há momentos em que a infância, para as meninas, representa uma espécie de aprisionamento perpétuo que sufoca e priva a vivência de todas as outras fases, conforme se nota neste trecho: “O ar dali nos sufocava, parecia-nos que nos impunham anos excessivos de infância. Sentíamos uma sensação humilhante de fracasso, de retardamento, de mocidade perdida” (QUEIROZ, 2009, p. 78). Toda essa sensação era provocada pela clausura do colégio interno e deixava as meninas abatidas de tal forma que se tornavam sem perspectivas para o enfrentamento da vida pós-internato. Parecia que a idade adulta que se aproximava limitava-se ao aspecto cronológico, uma vez que a maturidade e as vivências das experiências ligadas à ela eram

impedidas de se manifestarem por causa do confinamento ao qual continuavam submetidas.

Quando Guta vai embora do internato e retorna à casa da família no interior, passa a conviver novamente com os irmãos pequenos, pelos quais, porém, ela confessa não nutrir nenhum amor, conforme segue no trecho:

Os meninos me importunavam, não os amava, sentia por eles apenas aquela ternura convencional que me tinham ensinado os livros, “a ternura devida aos irmãozinhos”. Achava-os hostis, malignos, teimosos. Perturbavam-me nas minhas horas de abstração com discussões e choradeira, batiam-se constantemente, gritavam, sujavam-se, eram maliciosos, inconscientes e cruéis. (QUEIROZ, 2009, p. 79)

Interessante perceber que alguns dos comportamentos que Guta tinha durante seu primeiro momento da infância com a mãe se assemelham aos de seus irmãos que vieram posteriormente, frutos do segundo casamento do pai. No entanto, as travessuras feitas pelos meninos, bem comuns às crianças, são descritas com hostilidade pela personagem, que chega a atribuir uma conotação maligna a eles; ela sentia pelas crianças ternura obrigatória e vivia bastante incomodada pelo choro, gritos e pela sujeira que estas faziam.

Na fase adulta, portanto, Guta já não percebe mais a fase da infância com os mesmos encantos com os quais vislumbrava antes. Na verdade, a vida, como um todo, tornara-se apagada e sem graça para ela que desejava agora experienciar situações que ela própria não sabia quais eram.

Haja vista os múltiplos olhares possibilitados pela arte literária, especialmente com foco na infância, não se pretendeu aqui esgotar discussões em torno da questão, mas, pelo contrário, suscitar novas abordagens, não limitadas ao âmbito acadêmico, mas com dimensão maior, pois trazer à cena a infância é tocar em uma das mais delicadas complexidades do arcabouço humano. É reconhecer-se enquanto vulnerável e, paralelamente, potência.

Considerações finais

As imagens da infância evocadas no romance “As três Marias” remetem-nos a conotações variadas. Nota-se que a noção de infância feliz está bastante atrelada à estrutura familiar: Luciano vivencia certos conflitos provocados pelo abandono do pai e os maus-tratos da mãe que vive batalhando sozinha para garantir o sustento da família; Guta, que na primeira fase, a qual ela considera ser dividida sua infância, vive momentos felizes de muita diversão ao lado da mãe e do pai, já na segunda fase, ela considera sua infância triste, pois é o período em que sua mãe morre e ela passa a viver com a segunda família, fruto do segundo casamento do pai; Maria da Glória, que tem uma das histórias mais dramáticas por ter sido cuidada apenas pelo pai, já que a mãe faleceu durante o nascimento da filha, e sua infância toda se resume ao luto dela e do pai.

Há, ainda, Maria José, que vivencia dentro de si uma série de conflitos, porém, diferente dos outros, ela se refugia na religião, buscando em suas missas e orações uma válvula de escape para esquecer de todos os seus dramas. Estes personagens constituem o núcleo da trama narrativa, mas há várias outras crianças que aparecem no contexto do livro e que são, igualmente, atravessadas por problemáticas ligadas ao desequilíbrio do seio familiar.

No caso do livro em questão, pode-se falar de múltiplos conceitos do ser criança, isso porque no enredo há uma pluralidade de perfis de infâncias: mesmo tendo como ponto comum a desestruturação familiar gerada pela ausência de uma das figuras, paterna ou materna, ou, em certos casos, dos dois, há a compreensão de infância enquanto um aprisionamento por não permitir ao sujeito usufruir de certas experiências restritas aos adultos.

Existe uma infância atrelada à privação de prazeres próprios da infância, como brincar, ou mesmo estudar, viver dignamente como qualquer criança sem ter que trabalhar e assumir responsabilidades por si e por outros, como no caso das meninas órfãs que viviam no internato por caridade das freiras; há também a noção de infância como uma fase boa que se resume a brincadeiras, gritaria, sujeira, travessuras e banhos de chuva,

como foi a da primeira fase de Guta e também a de seus irmãos do segundo casamento.

Enfim, como se percebe, vários são os perfis delineados acerca do conceito de infância. A criança não foi vista como criança desde sempre, ela era considerada um adulto em miniatura, o que foi provado através dos estudos de historiadores citados no trabalho. Concluiu-se que a infância é um conceito historicamente construído que foi adquirindo conotações variadas ao longo das épocas. Cada sociedade, em cada época, portanto, edificou uma imagem diferente no que diz respeito à noção de infância.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1981.

COUTINHO, Fernanda. **Representações da infância na literatura**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e Pensamento. *In.*: **Linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PLATÃO. **A República**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2003.

QUEIROZ, Raquel de. **As Três Marias**. 25 ed. Fortaleza: José Olympio Editora, 2009.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? *In.*: **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2012.